

PMs usam profissão para oferecer serviço

No exército de vigilantes irregulares trabalhando nas ruas da Capital se sobressai uma categoria: a dos policiais militares.

Servidores pagos pelo Estado para proteger o cidadão estão usando recursos públicos para vender seus serviços de segurança privada. Quando não estão no comando de empresas de vigilância, PMs realizam o trabalho diretamente, nas ruas.

Atingidas pela violência, vítimas acabam cooptadas a aderir a programas de segurança particular quando têm suas ocorrências atendidas por policiais militares. PMs, praças ou oficiais visitam condomínios para falar sobre segurança e oferecer pacotes com preços variáveis pelo serviço especializado. Moradores de uma rua do bairro Petrópolis viveram essa experiência depois que um prédio foi arrombado. Após o cri-

me, um grupo de policiais militares procurou os síndicos dos edifícios para oferecer os serviços. Só não houve acordo porque os condôminos consideraram a segurança muito cara. Acabaram contratando um vigilante civil por R\$ 45.

Por outro lado, há moradores que decidem investir por conta no negócio, ofertando aos vizinhos de prédio, que por vezes até ajudam a bancar o custo das guaritas.

Entrevista: PM dono de empresa de segurança

“Adquiri o cliente por meio das ocorrências”

A vivência diária no atendimento de ocorrências deu a um policial da Brigada Militar (BM), com mais de 20 anos de serviço, uma certeza: a de que a corporação não dá conta de proteger o cidadão.

Ele montou uma empresa de segurança privada. O praça não se constrange ao revelar que consegue clientes ao atender vítimas fragilizadas pela violência. O policial concedeu entrevista a Zero Hora sob a condição de não ser identificado, pois teme represálias pelo comando de sua unidade na BM. Leia trechos da entrevista:

Zero Hora – Qual é o tipo de serviço que o senhor presta?

Policial Militar – Portaria e zeladoria. Alguns com serviço 24 horas.

ZH – Em qual horário o cidadão está mais vulnerável?

PM – Das 18h às 22h. É o horário de fluxo de condôminos. E quem está na rua nesse horário? Toda a vagabundagem em busca de um patrimônio.

ZH – Qual estrutura da sua empresa?

PM – Tenho cerca de 30 funcionários. Oito atuam na rua, sem arma, com bastão e com colete de vigilância. Minha empresa existe como portaria e zeladoria, mas a atividade em si é de segurança.

ZH – O senhor busca mão-de-obra na Brigada Militar?

PM – Comecei com pessoal da BM, mas me deixaram mal, querem andar armados. Meus funcionários são civis.

ZH – O senhor exige que o funcionário tenha curso de vigilante?

PM – Minhas fontes de mão-de-

obra são as escolas de formação de segurança. Vou saber quem tem curso e está desempregado.

ZH – Quando há uma situação mais grave, como é resolvida, já que seus vigias não usam arma?

PM – Todos têm celular. O sistema de comunicação é exigência do condomínio. Sou a primeira pessoa que eles têm de acionar. Conforme, aciono a BM.

ZH – O contato com a BM é pelo 190?

PM – Tenho contato direto com os locais de trabalho da BM, sei quem é que faz o atendimento no local da ocorrência. Tenho uma facilidade enorme.

“Eu não uso o 190. A gente que está na rua sente na pele. Eu já chamei pelo 190, e a BM não apareceu.”

ZH – O senhor tem mais facilidade de ser atendido do que o cidadão comum?

PM – Com certeza. Tu já ligaste para o 190? Está cada vez pior. Às vezes, a vítima reclama que faz duas horas que ligou. É uma dificuldade tu conseguir ligar.

ZH – O senhor tem mais benefício no atendimento das ocorrências do que o cidadão?

PM – Tenho pronto-atendimento e relação de telefones do pessoal.

ZH – Como o senhor oferece a segurança privada?

PM – Em muitas situações, adquirei o cliente por meio das ocorrências. A pessoa (vítima) está fragili-

zada. Os vizinhos e os moradores do prédio se envolvem, começam a reclamar porque não têm segurança.

ZH – Ao atender a vítima, vocês, PMs, oferecem o serviço?

PM – As pessoas reclamam que não têm segurança e perguntam se a gente conhece quem faça ou se a gente faria segurança...

ZH – E vocês oferecem o serviço naquele momento?

PM – O momento que tu estás de serviço pela BM não deve misturar, não deve oferecer. Mas se faz para aproveitar a oportunidade.

ZH – O ideal é que não seja na hora da ocorrência?

PM – Sim. Retorna-se no outro dia, deixa cartão. Faz a proposta verbal, coleta do número de apartamentos. Trabalha com valores. Pode ser de R\$ 50 a 100 por apartamento.

ZH – A BM não está cumprindo o papel?

PM – Com certeza. Tem PMs, que meia hora antes do final do expediente, se forem chamados na viatura, não atendem.

ZH – O que fez o senhor optar por trabalhar com segurança privada?

PM – Há uns anos, o comando liberou que praças trabalhassem em bicos, como pedreiro. Mas eu não sou habilitado. Já fazia segurança naquela época. Hoje, eu não faço (atuar como vigia), abri a empresa e quero ganhar meus valores sem ter problemas ou levar problemas.

ZH – O seu comando sabe que o senhor trabalha com isso?

PM – Sabe.

ZH – E permite?

PM – Já respondi por isso. Mas muitos oficiais trabalham com isso.

VIOLÊNCIA Assaltantes agiram em Guaporé

Policial morto é velado em Passo Fundo

TADEU VILANI/ZH



Tristeza: familiar se despede de Gomes no velório na manhã deste sábado

O policial civil Ronaldo de Oliveira Gomes, 39 anos, assassinado por assaltantes na noite de sexta-feira, em Guaporé, foi velado neste sábado na capela mortuária do bairro Planaltina, em Passo Fundo. O corpo chegou às 2h de Guaporé, onde o agente estava lotado havia 20 dias. O enterro seria realizado às 16h no cemitério Vera Cruz, em Passo Fundo.

Gomes foi baleado na cabeça ao tentar impedir um assalto em um bar distante 30 metros da delegacia onde estava trabalhando, em Guaporé.

Casado com a psicóloga Gabriela Doranco Simões, 29 anos, Gomes retornaria no dia 1º de agosto a Passo Fundo, onde era secretário da 6ª Delegacia Regional. Policial havia 12 anos, era natural de Porto Alegre e estava em Guaporé reforçando a Polícia Civil do município.

Gabriela afirmou que Gomes era um homem apaixonado pela profissão e que morreu de uma forma honrosa, cumprindo o dever de prestar segurança à população.

– Ele sempre estava pronto para ajudar as pessoas e tornar o mundo mais justo. Era chamado para as

piores missões da polícia – disse Gabriela.

Segundo a psicóloga, Gomes havia telefonado às 18h20min de sexta-feira para avisar que estava pronto para viajar a Passo Fundo, onde passaria o fim de semana.

Três suspeitos de envolvimento no latrocínio foram presos pela polícia. Conforme o delegado Laerte da Silva Guimarães, os dois homens que atuaram diretamente no ataque cumprem pena por roubo no regime semi-aberto de Guaporé. Um deles deu entrada no presídio por volta das 20h. Tinha um arranhão nas costas, o que fez a polícia desconfiar. Ele teria confessado sua participação e dado a identificação do parceiro, que não retornou à prisão porque estava ferido por disparos feitos pela vítima.

O homem que deu carona ao ferido e lhe emprestou um Chevette para que fugisse até Esteio também foi preso. As 7h15min de sábado, policiais militares de Esteio capturaram o segundo assaltante. O Chevette estava na frente da residência. Ele foi levado ao hospital de Esteio e depois seria encaminhado a Guaporé. O delegado Guimarães preferiu não divulgar os nomes dos presos.

Quem era

O inspetor Ronaldo de Oliveira Gomes era casado e morava em Passo Fundo desde ano 2000, para onde foi transferido da região de Ijuí, no noroeste do Estado. Atualmente, trabalhava na secretaria da 6ª Delegacia Regional, cujo titular é Paulo Videla Ruschel. Estava na Polícia Civil havia 12 anos – foi admitido em 12 de julho de 1993.

No início deste mês, a pedido do delegado Laerte da Silva Guimarães, Gomes foi transferido temporariamente para Guaporé, onde auxiliava no serviço de cartório. O reforço se encerraria no final deste mês.

Contraponto

O que diz o tenente-coronel Carlos Roberto Bondan da Silva, da Secretaria da Justiça e da Segurança:

“Em relação ao PM, podemos dizer que a postura é vedada pelo regulamento disciplinar da BM. O que ele faz configura infração administrativa e pode redundar até em exclusão. O que ele faz é incompatível com a função, pois usa a credibilidade da corpo-

ração e os meios do Estado em benefício próprio. É antiético e imoral. Quanto ao atendimento do 190, o que ele fala explica porque o serviço fica prejudicado: em vez de atender o chamado do 190, PMs priorizam colegas.”

PMs temporários se formam na Capital

A cerimônia de formatura dos 39 policiais militares temporários em Porto Alegre foi transferida do Parque Marinha do Brasil para o Parque Farroupilha, na Avenida José Bonifácio.

O evento ocorrerá a partir das 11h deste domingo, em frente ao Monumento ao Expedicionário. Em caso de chuva, a cerimônia será realizada no ginásio da Brigada Militar, localizado no cruzamento entre a Avenida Ipiranga e a Rua Silva Só. O secretário da Justiça e da Segurança, José Otávio Germano, confirmou a presença na solenidade.

Data Publicação : 24/07/2005
Indexador : Bianca Oliveira

Editoria : Geral

Seção : Polícia

Ilustração : Foto BOX

Assunto : Vigia Ilegal; Vigilante Irregular; Bairro; Porto Alegre; Segurança Particular; Violência (Cartola); Morte; Crime; Assassinato; Policial Militar Temporário

Observação CDI: Autores

Policial morto... Lúcia Jardim e Adriana Irion

PM's temporários... Leandro Rodrigues

Leia Mais : na página 44.